

A COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA COMO MEIO ESTIMULADOR DA COMUNICAÇÃO, DA LEITURA E DA ESCRITA EM CRIANÇAS AUTISTAS

Jolene Rocha Bezerra Moreira¹

INTRODUÇÃO

A comunicação nos potencializa a uma independência e autonomia, seja ela desenvolvida por qualquer meio, permite a exposição dos pensamentos, sentimentos, desejos, conhecimentos e ensinamentos. Por conseguinte, a comunicação é uma ação muito importante na vida de todas as pessoas, uma vez que empodera o ser.

O desenvolvimento da comunicação, se prosseguir de maneira natural, ocorre logo muito cedo, ainda quando bebês. O choro, é a primeira forma de se comunicar, já a linguagem é a fala, essa por sua vez acontece posteriormente e de forma bem gradativa. Todo esse processo faz parte do desenvolvimento natural do ser humano. Nas crianças autistas até o terceiro ano de idade, em sua maioria, a evolução da comunicação ocorre semelhante às das outras crianças normais. Contudo, após essa idade, o desenvolvimento vai sendo interrompido e a capacidade de se comunicar e de falar vai se perdendo.

De acordo com Reily (2004), “A fala é um aspecto tão fundamental na nossa sociedade que quem não fala é visto como alguém que também não pensa” (p. 67). Isso porque, a comunicação é a expressão das ideias, das informações, das trocas de experiências, é a forma mais comum dos indivíduos se relacionarem. Assim, aquele que não consegue desenvolver as competências para tal habilidade, acaba por ser marginalizado pela sociedade.

Por esta razão, saber se comunicar é importante, pois é por intermédio dela que as habilidades necessárias são adquiridas para se expressar e por consequência faz com que a pessoa se torne independente e autossuficiente, sendo capaz de compreender e se relacionar a partir dos princípios e regras da sociedade que vão se construindo e sendo consolidados. Dessa forma, o indivíduo começa a compreender o que passa em sua volta e como será entendido.

¹ Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Mestranda do curso em Avaliação de Políticas Públicas (Profissional) - Universidade Federal do Ceará - UFC, jolenerbm@yahoo.com.br; Esta pesquisa é resultado do trabalho de conclusão da pós-graduação *Lato Sensu* em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Faculdade Integrada de Patos-FIP/PB. Artigo extraído do Trabalho de Conclusão de Curso.

Uma forma prática e pedagógica de introduzir as crianças autistas nas relações sociais e na sua independência comunicativa, consiste no uso do recurso da Tecnologia Assistiva da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), que por meio de imagens e gravuras, possibilita a comunicação e dá sentido a fala, resultando na compreensão da comunicação que instrumentaliza as crianças autistas não verbalizadas.

Assim sendo, o presente artigo foi desenvolvido sob uma abordagem qualitativa com enfoque bibliográfico, cujo objetivo geral foi o de analisar a potencialidade da Comunicação Aumentativa e Alternativa no desenvolvimento da comunicação e na aquisição da leitura e da escrita em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) público-alvo da Educação Especial.

O percurso metodológico envolveu as seguintes etapas: 1) conhecer o recurso (software), sua funcionalidade, uso e acessibilidade para a Comunicação Aumentativa e Alternativa; 2) compreender o processo de alfabetização; 3) entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA); 4) Verificar a relação da Comunicação Aumentativa e Alternativa como meio de comunicação e técnica de aquisição da leitura e da escrita em crianças autistas.

Para assim, responder à questão-problema: qual é a importância da Comunicação Aumentativa e Alternativa como instrumento de comunicação e técnica no desenvolvimento da aprendizagem da escrita e da leitura em crianças autistas?

Desta feita, constatou-se como é importante e fundamental que estudos sobre a Comunicação Aumentativa e Alternativa ganhe maior evidência na academia, devido a sua potencialidade e utilidade como prática pedagógica, que além de possibilitar o desenvolvimento da comunicação e/ou fala, pode auxiliar no aprendizado das crianças autistas na aquisição da leitura e da escrita, uma vez que a compreensão do processo de alfabetização, torna-se mais acessível quando adquire forma, fazendo mais sentido porque é feito por meio das imagens, de modo que, o abstrato se torna concreto e passa a ser compreensível. Essa estratégia pedagógica pode também ser utilizada em crianças sem ou com deficiência.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este estudo teve uma abordagem qualitativa, uma vez que, segundo Flick (2009, p. 20) “é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”. Desse modo, preocupou-se em identificar qual é a importância da Comunicação

Aumentativa e Alternativa como instrumento de comunicação e técnica no desenvolvimento da aprendizagem da escrita e da leitura em crianças autistas.

De acordo com Engel e Silveira (2009), quando o enfoque metodológico é baseado em teorias já publicadas, é considerada uma revisão bibliográfica. A coleta dos dados foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica sistemática qualitativa relacionada ao tema escolhido para a pesquisa.

Assim sendo, utilizou-se como banco de dados bibliográfico (eletrônico): textos, revistas, periódicos, dentre outros estudos relevantes de domínio público na internet e os dados (físicos) foram as publicações impressas em formato de livros.

Após identificados os textos de interesse, foi feita uma avaliação crítica dos estudos pertinentes para a análise e interpretação que fundamentaram esta pesquisa, tendo como última etapa metodológica a redação.

Por conseguinte, sendo uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, sem envolvimento direto com seres humanos, não precisou ser apreciada pelo comitê de ética ou equivalência porque não houve acesso a pessoas ou a banco de dados restritos.

REFERENCIAL TEÓRICO

COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA E ALTERNATIVA

Nos dias de hoje é fundamental saber e poder se comunicar para se relacionar com o mundo e viver de forma mais independente, autônoma e plena. Visto que, usamos a comunicação para tudo e em todos os espaços sociais. Pode-se imaginar como é difícil a vida da pessoa que não consegue se expressar, se comunicar e ainda não possui linguagem? Sim, porque embora a comunicação e a linguagem caminhem juntas, são habilidades diferentes e nem sempre a pessoa com deficiência ou transtorno consegue desenvolver uma ou as duas habilidades.

Segundo

a

WIKIPÉDIA,

A comunicação (do latim communication. onis, que significa “ação de participar”) é um processo que envolve a troca de informações entre dois ou mais interlocutores por meio de signos e regras semióticas mutuamente entendíveis. Trata-se de um processo social primário, que permite criar e interpretar mensagens que provocam uma resposta.

Os passos básicos da comunicação são as motivações ou a intenção de comunicar a composição da mensagem, a codificação e transmissão das mensagens codificadas, a recepção dos sinais, a decodificação e finalmente a interpretação da mensagem por parte do receptor. O processo da comunicação se define pela tecnologia da comunicação, as características dos emissores e receptores da informação, seus códigos culturais de referência, seus protocolos de comunicação e o alcance do processo.

A comunicação ajuda a sermos parte integrante e participativa da sociedade. Assim, não menos importante é a linguagem, embora, a linguagem só tenha funcionalidade em conjunto com a comunicação.

Observe-se o conceito de linguagem segundo SIGNIFICADOSBR,

Linguagem é um substantivo feminino com origem na palavra em Latimlingua, que significa “língua” – curiosamente, o surgimento deste termo veio de *linguarium*, uma taxa ou multa paga por aquelas pessoas que falavam demais.

O significado de linguagem é descrito como uma capacidade existente no homem, onde ele comunica seus sentimentos e ideias, isto é, a faculdade de comunicar-se uns com os outros, por meio da fala como pela escrita, assim como outras maneiras convencionais.

Entende-se que a comunicação pode assumir várias formas para então acontecer, inclusive, não sendo necessário usufruir da linguagem. Desta forma, vamos apreender o que seja a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA):

[..] é um conjunto de ferramentas e estratégias que o indivíduo utiliza para resolver os desafios de comunicação do cotidiano. A CAA é um termo que é usado para descrever vários métodos de comunicação que podem ajudar as pessoas que são incapazes de usar o discurso verbal para se comunicar. Esses métodos podem beneficiar uma ampla gama de indivíduos, desde aqueles que estão começando a se comunicar até indivíduos que faziam uso do discurso verbal complexo.

A CAA inclui sistemas com e sem ajuda. Sistemas sem ajuda compreendem assinatura e gestos, que não exigem materiais ou equipamentos especiais. Sistemas “com ajuda” dependem de materiais e equipamentos especiais, como imagens, livros e computadores. Os métodos de CAA são variados e devem ser personalizados para atender às necessidades de cada indivíduo. Muitas formas de CAA incluem componentes de Tecnologia Assistiva que vão desde os mais básicos até os de alta tecnologia. (CEESD, 1981)

A CAA pode assumir diversas expressões, como: um gesto, um olhar, um aperto de mão, no braço, um piscar de olhos, pela escrita, língua de Sinais, Braille, mecanismos tecnológicos, como: computador, *tablete*, celular, *software*, dentre outros. Dessa forma, qualquer uma dessas maneiras, quando incorpora uma ação com sentido de expressão é uma

comunicação. Quando essas ações se tornam significativas na vida de quem as usa, pode-se dizer que é um mecanismo da CAA.

A CAA pode ser utilizada em diversos espaços e pelos mais variados profissionais. Dentre os espaços a usufruir dessa estratégica pedagógica é a Sala de Recurso Multifuncional. As Salas de Recursos Multifuncionais são espaços criados nas escolas comuns para que ocorra de forma mais sistematizada o Atendimento Educacional Especializado (AEE), nelas são sugeridas estruturas de implantação semelhantes para todas, unificando e universalizando as oportunidades com maior equidade por meio de variadas estratégias pedagógicas e recursos.

Um desses recursos é o *software Boardmaker*, que pode auxiliar na independência e autonomia das pessoas com Autismo. Esse *software* de Comunicação Alternativa Aumentativa pode propiciar o desenvolvimento da comunicação e auxiliar a aprendizagem dos autistas.

Este artigo pretende falar um pouco mais da CAA por via da Tecnologia Assitiva (TA), precisamente do *software Boardmaker* com *Speaking Dynanccally Pro*. Este *software* é disponibilizado pelo governo Federal para as Salas de Recursos Multifuncionais das escolas da rede pública, todas as salas de AEE devem e/ou deveriam ter.

O *software Boardmaker*, traduzido do inglês para o português significa diretor, foi desenvolvido pela empresa *Mayer-Johnson* para aprendizagem e comunicação alternativa, com acessibilidade e geração de voz. O programa é composto por dois CDs, onde um CD é de instalação de programas e o outro é um CD complementar com manual, pranchas traduzidas e sintetizador de voz em Português Brasileiro para você ter acesso ao software. A pessoa só consegue usar o *Boardmaker* estando com o segundo CD o que é complementar, em atividade, no computador, é uma forma de proteção do software contra a clonagem, a pirataria.

O programa tem o objetivo de elaborar pranchas de Comunicação Aumentativa Alternativa a partir de gravuras, imagens pictográficas que podem ser impressas e depois montar um leque de imagens de acordo com a necessidade de quem vai usar ou pode ser usada no próprio computador. São mais de 350 exemplos de pranchas já prontas para serem utilizadas e personalizadas.

Dispõe ainda de uma biblioteca com cerca de 4.500 símbolos de comunicação pictórica. A pessoa facilmente consegue através do ícone localizador, digitando palavras chave do que busca a imagem que precisa e com mais de uma variação. Esta biblioteca pictográfica pode então ser adaptada à pessoa, por meio de introdução de novos símbolos, dependendo de cada contexto, tornando-se mais significativo.

O sistema de CAA por meio do *Boardmaker* foi desenvolvido para ser utilizado com pessoas que têm dificuldades de comunicação e linguagem. Por meio das imagens pictográficas

e da escrita, acredita-se que a Pessoa com Deficiência (PcD) possa desenvolver a linguagem e/ou a comunicação. Do mesmo modo, compreende-se que em crianças autistas, este instrumento, serve como meio de comunicação e provável mecanismo de estimulação de compreensão do processo da leitura e da escrita. Segundo Massaro (2013):

A área da comunicação suplementar e alternativa pode garantir a acessibilidade a diferentes sistemas de comunicação e melhorar a recepção, a compreensão e a expressão da linguagem de pessoas com deficiência e necessidades complexas de comunicação. (p. 333, apud DELIBERATO, 2005)

Por conseguinte, a leitura possui duas formas de acontecer, por meio da leitura de imagens ou da leitura escrita. E com a CAA pelo *Boardmaker* a criança tem a possibilidade de aprender a fazer a leitura da imagem pictográfica e da grafia do texto. Assim, por meio de um conjunto de imagens pictográficas, vai se representando o contexto, uma ação ou expressão. De modo que, a comunicação vai se constituindo na vida daqueles que têm dificuldade de falar, ou mesmo de se comunicar. Isso é simplesmente extraordinário porque possibilita a compreensão do sistema codificado da linguagem a partir das gravuras.

Uma prática pedagógica capaz de proporcionar a independência comunicativa seja através do desenvolvimento da linguagem, da escrita ou de ambas, pode estar na Comunicação Alternativa Aumentativa, por meio do *Software Boardmaker*. A capacidade de aprendizagem de cada pessoa vai depender de vários fatores, como: interação e compreensão do que ocorre ao seu redor, uma vez que tem forte influência no processo de estruturação do conhecimento e no ensino-aprendizado. Deste modo, o desenvolvimento cognitivo está intimamente ligado a aprendizagem.

COMPREENDENDO A ALFABETIZAÇÃO

O artigo tem o intuito de contribuir com melhores práticas de ensino-aprendizado que possam proporcionar aquisição da leitura e da escrita em crianças autistas de forma mais eficaz, objetiva e concreta. Para tanto, se faz necessário compreender como acontece o processo de alfabetização das crianças e como as imagens podem ter uma influência na contribuição da aquisição da leitura e da escrita, conseqüentemente, da comunicação. Então o destaque vai para o que chamamos de alfabetização visual.

Para que o aprendizado aconteça, tem-se como pré-requisito a interação. Esta por sua vez, se utiliza da comunicação, contudo, no caso dos autistas, a comunicação é um dos

distúrbios de seu desenvolvimento. Segundo, La Rosa (2003, p.28): “é importante salientar que ocorre a aprendizagem sempre que, ao receber estimulação de alguma forma o indivíduo responde ao ambiente; a interação, pois é um fato que está presente nas aprendizagens”.

O processo de alfabetização se dá mediante a vários estímulos que a criança recebe e vai apreendendo no meio em que vive. Entretanto, na compreensão da junção da representação impressa (grafia) com a linguagem oral, já não ocorre tão facilmente. A Comunicação Aumentativa e Alternativa pode ser um recurso muito favorável para essa compreensão, visto que a imagem pictográfica é a representação do subjetivo para o concreto.

De acordo com Ferreiro (2017), sobre aquisição da leitura e da escrita esse ocorre sem dúvida no ambiente social, entretanto, não de maneira passiva pelas crianças. Quando compreendem e registram as informações passam por um processo de transformação.

O importante é compreender as estruturas de interação, que resultarão em uma reprodução do conhecimento adquirido. No processo de aquisição da leitura e da escrita, nada mais é que o resultado de uma construção de princípios organizados e intencionais e de estruturas aleatórias e não intencionais.

A leitura pelo visual da imagem pode ser um meio mais interessante e prazeroso no processo de alfabetização, exatamente devido à aproximação que tem do mais próximo do cotidiano das crianças. Portanto, como somos rodeados de textos visuais, o que é preciso fazer é ensinar a criança a praticar esse tipo de leitura.

Parafraseando Ramos (2011) o ver e descrever os cenários é um ato que se faz de maneira muito individual, com uma narrativa própria, como se a compreensão ocorresse a partir da leitura de um texto. Qualquer pessoa é capaz de atribuir a cada imagem a ampliação de suas ideias, sentimentos, reconstruir memórias, criar uma interlocução.

As crianças de modo geral têm como primeiro contato de leitura às imagens, isso acontece porque as imagens falam por si só e podem inclusive representar textos e músicas. A alfabetização por meio das imagens “[...] significa desenvolver sistematicamente as habilidades envolvidas na leitura de imagens, de modo a levar ao compartilhamento de significados atribuídos a um corpo comum de informações” (SANTAELLA, 2012, p. 14).

Certamente, a leitura de imagens pode ser um caminho muito importante para a aquisição da leitura e da escrita. Assim como, um meio de comunicação, de linguagem para aqueles que não a possuem e nem possuem outra forma de expressar seus desejos, sentimentos, vontades e anseios. O processo de leitura por imagens pictográficas é tão antigo quanto primitivo. Segundo Beskow (2010), o homem da pré-história já se utilizava de desenhos em rochas para se comunicar e para registro do tempo e de sua história.

Sob esse mesmo ponto de vista, entende-se que o processo de apreensão das habilidades necessárias para a alfabetização está, dentre outros fatores, na capacidade de ordenar sequências históricas desenhadas. O processo alfabético inicia-se na compreensão da representação do visual das imagens.

De acordo com Beskow (2010), a evolução da comunicação humana e o processo de aquisição da leitura e da escrita, foi evoluindo de acordo com a necessidade humana, do desenho nas cavernas passou-se para os símbolos que passou para a tecnologia de registro por meio da escrita, uma herança cultural de geração em geração. Contra-argumentando, de acordo com Freire (2011), o processo da alfabetização tem seu ponto essencial no som e no visual da letra que se unem e passam a ter sentido e significado.

Sob os dois pontos de vista ficam claros a influência da imagem pictográfica na alfabetização. O que corrobora para o pensamento de que quando, para a criança lhe é apresentado o universo das letras, a sua compreensão inicial é de que a letra é uma forma/figura/imagem. Depois ocorre a compreensão de que aquela forma/figura/imagem representa um som, um fonema e que a junção da representação do visual com um ou mais de um fonema é o som. Isto é, é a representação propriamente dita da leitura.

É um complexo sistema que vai sendo decodificado conforme lhe é apresentado. As novas imagens e a interação da criança com o mundo vão ajudando a construir esse elo do sonoro com o visual e assim ocorre a comunicação.

Segundo Beskow (2010) no início da compreensão da leitura as crianças possuem o desenvolvimento similar ao desenvolvimento humano que teve início por meio das figuras até a construção da simbologia do alfabeto. A criança consegue adquirir essa habilidade por volta dos 6 a 7 anos.

O que é preciso estar atento e compreender é que a aprendizagem acontece se utilizarmos as letras, as imagens ou ambos. O processo de aquisição da leitura e da escrita acontece a longo ou a curto prazo. Isso vai depender da aquisição das habilidades necessárias de cada um.

O importante é entender como o processo acontece e como as imagens exercem influência nessa dinâmica desde os primórdios da civilização. Por isso devemos pensar e acreditar que através da CAA pelo software *Boardmaker* é possível que crianças autistas consigam desenvolver, além da comunicação, a aquisição da leitura e da escrita com maior facilidade.

É uma estratégia pedagógica capaz de proporcionar a independência comunicativa por meio do desenvolvimento da linguagem, da escrita ou de ambas. Sabe-se que a comunicação permite que a pessoa se torne independente e autossuficiente.

Contudo, para que isso aconteça a criança precisa sentir a necessidade da comunicação pela fala no dia-a-dia. A assimilação da linguagem não será uma atividade manual, mas sim uma atividade de pensamento, uma maneira complexa de construção de relações (BESKOW, 2010).

É um pensar e repensar a alfabetização a partir do ponto de partida construído historicamente, aceitando o novo sem ter preconceito com o velho, não abandonando os acertos conquistados, reconhecendo as práticas e teorias que nos conduz de modo competente uma prática pedagógica eficaz.

ENTENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Autismo não é uma doença e por isso não existe cura. Autismo é uma condição que leva a criança a ter problemas no seu desenvolvimento em três áreas: social, comportamental e linguagem. Autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), são termos designados para nomear esse transtorno. O Autismo faz parte da categoria do Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), assim como outros transtornos fazem parte do TGD por apresentarem distúrbios semelhantes.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) e no Código Internacional de Doenças (CID), o autismo está classificado por suas variáveis, no código CID 10: (F 84) Transtorno Global do Desenvolvimento; (F 84.0) Autismo Infantil; (F 84.1) Autismo Atípico; (F 84.2) Síndrome de Rett; (F 84.3) Transtorno Desintegrativo da Infância; (F 84.4) Transtorno com Hipercinesia Associada a Retardo Mental e a Movimentos Estereotipados; (F 84.5) Síndrome de Asperger.

Já uma nova versão de Classificação Internacional de Doenças, lançada para pré-visualização em 2018 e que passou a valer em maio de 2022, unem todas as variantes para um só código, o CID 11: 6A02, o Transtorno do Espectro Autista (TEA), com subdivisões relacionadas aos prejuízos apenas na linguagem funcional e Deficiência Intelectual (DI).

No Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM), já houve essa alteração em 2013. A nova versão, o DSM-5, a sigla correspondente, reúne todos os Transtornos que estavam dentro do Espectro do Autista em um só diagnóstico, o TEA.

A criança com TEA demonstra incapacidade com situações sociais de adaptação, motora e de linguagem. Possui dificuldade em aprender coletivamente, tem déficit de aprendizagem, podendo ter ainda comorbidade com outras deficiências ou transtornos. Tais como, problemas neurológicos que causam deficiência intelectual, epilepsia, hiperatividade com perda de sono, comprometimento motores e de linguagem. O desenvolvimento dessas crianças é considerado atípico.

Segundo Amaral (2014):

Em linhas gerais, as pessoas com Autismo apresentam características parecidas, porém o que varia é o grau de comprometimento, podendo ser de leve a severo. O leve seria o autista com síndrome de Asperger e o mais severo seria aquele com Autismo de baixo funcionamento não verbal, totalmente dependente nas atividades de vida diária, com movimentos estereotipados e ausência de contato visual. (ps. 24 e 25)

A academia ainda não tem uma certeza absoluta quanto à causa do TEA. Acredita-se que pode ser de causa genética e/ou hereditária, como a síndrome do X frágil e/ou problemas perinatais. Muitos estudos têm sido feitos em busca da resposta sobre o que de fato causa o Autismo.

Como descrito por Volkmar e Wiesner (2019), antes da primeira teoria sobre o autismo houve muita confusão, os primeiros escritos datam de 1950 e se relacionam a fatores psicossociais. Contudo, foi entre 1960 e 1970 que os estudos se concentraram na questão do transtorno cerebral e genético.

O diagnóstico normalmente é conduzido por um médico neurologista e/psiquiatra em conjunto a uma equipe multidisciplinar: psicólogo, psicopedagogo, fonoaudiólogo, e outros, se julgar necessário. A parceria entre família, escola e todos os profissionais, permite uma junção de informações e dados da criança a ser avaliada.

Para uma melhor análise é preciso conhecer o quadro clínico e comportamental da criança; ter experiência na área; estar sempre se atualizando, já que é relativamente recente o diagnóstico dessa patologia. Sendo antes julgado como pertencente a outras patologias como a demência ou retardo.

De acordo com Volkmar e Wiesner (2019), obter o diagnóstico de autismo não potencializa todas as necessidades da criança, contudo, dá uma noção para os auxílios terapêuticos, visto que são muitas as implicações que o transtorno traz e variam de pessoa para pessoa.

Alguns médicos acreditam que o diagnóstico pode ser fechado antes dos três anos de vida, uma vez que quanto antes começar as intervenções melhores serão os resultados. É uma forma de prevenir prejuízos no desenvolvimento nos primeiros cinco anos de vida. Já outros pesquisadores acreditam que o diagnóstico correto só deve ser fechado após os três anos de idade. Isso porque se entende que as crianças antes dessa faixa etária podem ter ritmos diferentes de desenvolvimento, onde pode ter algum atraso no desenvolvimento, o que não significa que seja autismo (VOLKMAR e WIESNER, 2019).

De acordo com, Amaral (2014, p. 22) nos explica que o desenvolvimento nessa fase:

Uma criança de um a três anos brinca de faz de conta, forma frases curtas, se interessa em brincar com outras crianças de sua idade e apresenta aumento em seu vocabulário a cada ano que passa. A criança com Autismo interage pouco com as pessoas, a atenção compartilhada é limitada, apresenta comportamentos repetitivos e não demonstra interesse por atividades como pintar e desenhar.

Geralmente a suspeita de diagnóstico parte da escola, exatamente por ser o espaço onde se encontra grupos heterogêneos de crianças com oportunidades iguais de estímulos. E é na escola que as crianças têm seu desenvolvimento avaliado, o que acaba evidenciando aquelas crianças que não conseguem atingir as metas pré-estabelecidas de acordo com sua idade-série.

Por isso, a importância da parceria da escola com os outros profissionais, porque a escola pode fornecer dados importantíssimos para o diagnóstico. O espaço escolar é o segundo lugar em que as crianças passam a maior parte de seu tempo, fora o próprio lar.

No atual cenário de educação inclusiva e de um considerável crescimento do número de diagnósticos de crianças com TEA, se faz necessário que profissionais da educação voltados para atender as necessidades educacionais desse público, conheçam meios que possam viabilizar um melhor desenvolvimento da comunicação, leitura, escrita e inserção destes, no convívio da sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo o caminho percorrido até aqui, teve como norte a resolução da questão-problema sobre a importância da Comunicação Aumentativa e Alternativa como instrumento de comunicação e técnica no desenvolvimento da aprendizagem da escrita e da leitura em crianças autistas.

Analisando e entendendo as maiores dificuldades da criança com TEA, pode-se perceber que os maiores prejuízos de seu desenvolvimento estão interligados e afetam diretamente o comprometimento da capacidade de independência e autonomia, os quais estão relacionados à área da interação, comunicação e comportamento.

Diante dessa problemática, vem a importância dos (as) professores(as) do AEE da Sala de Recurso Multifuncional desenvolverem a CAA com seus(as) alunos(as), visto a possibilidade de evolução que pode ocasionar, como enfatiza Nunes e Schirmer (2017) sob a relevância da comunicação,

[...] A linguagem é própria e essencial ao homem. Para que a comunicação se efetive, é preciso que a linguagem se desenvolva. Na CAA, deve-se pensar nas habilidades lingüísticas dos alunos e de seus interlocutores. Comunicação é troca e, portanto, não depende somente do aluno. A ausência da fala não significa ausência de linguagem, porque está se expressa de diferentes formas ou modalidades. É lembrando que as professoras precisam explorar outras formas de comunicação com seus alunos, visto que, muitas vezes, a comunicação ocorre mediante o uso de gestos, sons etc. (p.39)

O *Boardmaker* é um excelente sistema de CAA, o problema é que nem todas as Salas de Recursos Multifuncionais possuem o programa. Ressalta-se que todo material da SRM, é fornecido pelo governo Federal, sendo esse programa parte dos itens que compõem a lista de materiais da sala. Outro obstáculo a ser enfrentado é o da maioria dos(as) professores(as) de AEE desconhecerem a funcionalidade do *Boardmaker* de CAA, um despreparo e/ou desconhecimento da categoria perite a não utilização ou o mau uso dos recursos disponíveis da própria Sala de Recurso Multifuncionais, principalmente, quanto as Tecnologias Assistivas.

Para isso, é preciso formação específica para os(as) professores(as) de AEE quanto a CAA e os softwares. Assim, Nunes e Schirmer (2017) descreve:

[...] é importante que eles conheçam bem os recursos da CAA para que sua funcionalidade seja completa.

A professora precisa perceber que alguns alunos com TEA utilizam a imaginação, a linguagem oral e a gestual para se expressarem e que o uso da CAA pode auxiliá-los na produção e ampliação dos enunciados verbais. A intenção comunicativa do aluno com dificuldade na fala também deve ser observada, e, nesse sentido, o uso, [...], pode ser um grande aliado no processo de interação com o aluno com TEA que apresenta frequentemente déficits na intenção comunicativa. [...]. Todavia, o grande embate parece estar em compreender e utilizar esse sistema de trocas de figuras. As professoras ainda têm dúvidas em relação ao uso dos cartões de CAA, [...] (p. 40)

Possibilitar intercâmbio com as crianças autistas por meio da CAA é uma outra alternativa e oportunidade de proveito que se abre desse recurso para o(a) professor(a) do AEE. A CAA oportuniza a comunicação e pode ser um estímulo ao desenvolvimento da fala para os

autistas não verbais. Afinal, eles(as) não possuem a fala, não porque são surdos ou porque tenham outro problema de ordem fisiológica nas cordas vocais, mas por implicações da capacidade reduzida de comunicação, interação e percepção de mundo que são diminuídas. Assim, suas frustrações e relações interpessoais são prejudicadas e acabam trazendo sérios problemas de conduta e compreensão da linguagem oral. Por esta razão, muitos não desenvolvem a fala. Quanto à utilidade da CAA, Nunes e Schirmer (2017) apresenta:

Outro tema debatido foi o emprego dos cartões de CAA para estimular a leitura e a escrita. A complexidade das atividades de ler e escrever palavras mediante o uso dos cartões de CAA tem chamado à atenção de muitas professoras, na medida em que é possível observar que os alunos decoram as palavras sem relacioná-las aos seus significados. [...]. Software que permite criar símbolos pode ajudar o aluno com deficiência na produção da escrita, principalmente quando está presente a opção de ouvir o que foi escrito. O software permite ainda trabalhar com soletração. Combinar música e desenho também pode favorecer a comunicação do aluno. (p. 43)

Percebe-se o quanto é vasto as possibilidades de uso da CAA? A CAA pode ser usada com crianças autistas que tenham ou não oralidade, que possuem ou não prejuízos na comunicação e com crianças normais que tenham dificuldade na leitura e na escrita.

Assim, como resultado, conclui-se que a CAA tem sido um exemplo de proposta pedagógica democrática, atrativa e inovadora para todos(as) os(as) estudantes que apresentam dificuldades no processo de aquisição da leitura e da escrita. A aprendizagem ocorre de forma intencional e não intencional, aqui aborda-se uma maneira intencional e provocativa do aprendizado por meio da Comunicação Alternativa e Aumentativa. Estamos em constante processo de aquisição de conhecimentos. Entretanto, é fundamental que todos tenham acesso e garantia as estruturas que facilitem a aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma pessoa se comunicar é preciso ter a capacidade de interação, que leva a troca de informações e conhecimentos que permitem o aprendizado e auxiliam o desenvolvimento da linguagem, comunicação e interação. Observe que a condição do autista se inicia e termina num elemento primordial em nossas vidas, a comunicação.

Compreende-se que a CAA pode ser muito útil na vida dos autistas, tendo em vista que pode ser uma possibilidade alternativa de comunicação e de desenvolvimento da linguagem. Assim, quando uma criança autista tem uma comunicação estabelecida a partir de uma

linguagem por imagens pictográficas, possibilitada pela CAA, ela tem maior probabilidade de adquirir as habilidades necessárias que a conduzirá ao processo de aquisição da leitura e da escrita consequentemente.

Destaca-se a relevância de divulgação da CAA que pode e deve ser um recurso muito utilizado pelos(as) professores(as) do AEE e que tem um alcance ímpar no desenvolvimento da criança autista. A CAA pode ser desenvolvida por diversos meios, mas, aqui, a abordagem enfatizou o uso do recurso software *Boardmaker* disponível na SRM.

O constante uso das imagens pictográficas e das pranchas para interagir com os autistas pode ser o diferencial no desenvolvimento dessas crianças. Outro fator importante e imprescindível é a divulgação e conscientização dessa proposta pedagógica para os(as) professores(as) e familiares para que esse trabalho de CAA para que não fique restrito a SRM.

Deve ser um projeto com objetivos para ir além das quatro paredes da SRM, é importante que se expanda para a sala de aula regular, para o núcleo familiar e para todos os outros espaços onde a criança tem acesso. Afinal, a interação e a comunicação, não podem ficar restritas a um único espaço. Essa postura abrange novos horizontes e deve fazer parte da vida da criança com TEA.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Priscila. **Autismo – no tempo da delicadeza**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BESKOW, Dionisio; BESKOW, Clair Clânia Raddatz. [livro eletrônico]. **O pensamento Infantil sobre a leitura e a escrita**. – Porto Alegre: Simplíssimos Livros, 2010.

CEESD - Construindo a Inclusão (1981). **CAA – Comunicação Aumentativa e Alternativa: o que você precisa saber**. Disponível em: <<http://www.ceesd.org.br/caa-comunicacao-aumentativa-e-alternativa-o-que-voce-precisa-saber/>>. Acesso em: 09 de setembro de 2019.

Conteúdo aberto. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. **Comunicação**. Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Comunica%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 31 de agosto de 2019.

Conteúdo aberto. In: SIGNIFICADOSBR: a enciclopédia livre. **Linguagem**. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/linguagem>>. Acesso em: 31 de agosto de 2019.

ENGEL, Tatiana Gerhardt e SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. [tradução Maria Antônia Cruz Magalhães, Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima]. – São Paulo: Cortez, 2017.

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa: Introdução à pesquisa qualitativa**. 3º Edição. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. [tradução Lólio Lourenço de Oliveira]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LA ROSA, Jorge. **Psicologia e educação: o significado do aprender**. 7. Ed. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MASSARO, Munique. **Uso de sistemas de comunicação suplementar e alternativo na Educação infantil: percepção do professor**. Revista Educação Especial; v.26, nº 46, p. 331-350, maio/agosto 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/grafi/Downloads/4821-40470-1-PB.pdf>.

NUNES, Leila Regina d'Oliveira de Paula; SCHIRMER, Carolina Rizzotto (Orgs). **Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. (Séries Conversam com o Professor). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. (Como eu ensino). São Paulo: Melhoramentos, 2012.

REILY, Lucia. **Escola inclusiva: Linguagem e mediação**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. – (Série Educação Especial).

VOLKMAR, Fred R. WIESNER, Lisa A. **Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento**. [recurso eletrônico]. (tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Maria Sonia Goergen). Porto Alegre: Artmed, 2019.